

TERESA COSTA ALVES

teresa.costa.alves@gmail.com

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Universidade do Minho (Portugal)

## **“GUGU-DADÁ” E OUTROS SONS: O ECOSISTEMA SONORO DO BEBÉ EM ISOLAMENTO ACÚSTICO**

### **RESUMO**

Em tempos de isolamento social, o subsequente isolamento acústico que naturalmente se impôs aumentou o tempo e a predisposição da maioria de nós para a escuta. Esta proposta de análise reflexiva baseia-se numa experiência tão pessoal quanto universal. Quando a vivência da quarentena se sobrepõe à da maternidade, a atenção perante os primeiros sons do bebé é redobrada. Esta é, portanto, uma proposta reflexiva sobre esse processo de aprendizagem através do som, tão individual e íntimo quanto o processo de escuta, tão universal e genérico quanto a própria existência humana. Neste artigo, observar-se-á o som como a primeira forma de comunicação da espécie humana, nomeadamente através do choro, do grito e do riso, elementos sonoros por excelência. Seguir-se-á uma reflexão sobre o som como descoberta de quem fomos, num tempo do qual não temos memória ativa, apenas passiva. Por fim, desenvolver-se-á uma proposta para um arquivo sonoro da infância, numa tentativa de complementar a memória documental dos álbuns de fotografias de bebé com os principais sons da infância.

### **PALAVRAS-CHAVE**

som; estímulos sonoros; linguagem;  
ecossistema sonoro; comunicação do bebé

---

### **INTRODUÇÃO: POR UM ECOSISTEMA SONORO DO BEBÉ**

Sendo o som um elemento sensorial presente ao longo de toda a vida do ser humano, poucas fases da vida são tão intensamente sonoras quanto a experiência da maternidade. De acordo com as ciências médicas, a vivência sonora da relação entre mãe e bebé começa ainda durante a vida intrauterina, já que o embrião é capaz de reagir a estímulos sonoros a partir das 27 semanas de gestação (van de Rijt & Plooij, 1992).

O tema abordado neste artigo enraíza-se numa análise exploratória reflexiva de cariz muito pessoal, quase íntimo, como é o próprio processo de escuta. Esta reflexão principiou com a iniciação à própria experiência da maternidade, entre os sons escutados durante um período sem par na vida do ser humano: o da gestação, parto e cuidados ao bebê no primeiro ano de vida. A descoberta de que a escuta seria a forma mais eficaz de o conhecer, de o ajudar a viver e evoluir.

No desenvolvimento psico-motor do bebê, o som desempenha um papel crucial. A resposta sonora assume-se como o primeiro canal de comunicação e entendimento ainda dentro da barriga da mãe. No bater do coração e na respiração da mãe reconhece a sua proveniência, na reação à música encontra o meio ambiente que o circunda. No momento do nascimento, o choro do bebê demonstra o desenvolvimento pleno do seu sistema pulmonar; mais tarde, o choro, o grito, o riso, o balbuciar e as primeiras palavras refletem as diferentes fases de crescimento em formatos acústicos de maior ou menor intensidade sonora.

Há várias décadas que a ciência reconhece que os bebês nascem com a capacidade e tendência inatas para se orientarem de acordo com os estímulos sonoros que os rodeiam (Muir & Field, 1979), mas do ponto de vista das Ciências da Comunicação, a investigação em torno da fase pré-linguagem é pouco habitual, sendo mais frequentes os estudos biológicos sobre os marcos de desenvolvimento da criança e as abordagens fisiológicas sobre o desenvolvimento da linguagem através da fonética.

É através do som que o bebê responde e questiona, propõe e reage, aciona e recusa; é através da criação de um ecossistema sonoro próprio, baseado numa relação causa-efeito, que o bebê assegura a sua perenidade. E é nessa fisiologia acústica da sobrevivência que se constrói uma relação comunicativa ímpar entre bebê e progenitora, desenvolvendo-se práticas de relacionamento e afetividade entre mãe e filho.

Esta análise reflexiva de caráter exploratório é fruto de um período de observação participante que teve lugar entre março e junho de 2020, no contexto particular da vivência de uma pandemia (COVID-19) e consequente distanciamento social. Este contexto remeteu a população de forma mais extensiva para ambientes domésticos, criando um certo isolamento acústico na existência humana durante o período de confinamento. Tal como num estúdio de rádio, com menos ruído, com menor reverberação, redundância, eco e feedback, os marcos de desenvolvimento do bebê em estudo tornaram-se mais audíveis através de um processo de escuta ativa em cenário de isolamento social e acústico.

## O SOM COMO ALICERCE FUNDAMENTAL DA COMUNICAÇÃO DO BEBÉ

O desenvolvimento psico-motor do bebê é perceptível através de novos ambientes acústicos por ele criados, cujos fragmentos contribuem para o registo sonoro de múltiplos sentidos. Transforma-se, assim, num processo audível.

Este ecossistema sonoro dos primeiros meses de vida do ser humano é de tal forma complexo ao nível semiótico que se poderá aproximar do conceito de paisagem sonora (ou *soundscape*) de Schafer, segundo o qual são representados "ambientes reais ou construções abstratas, como composições musicais e montagens, quando consideradas enquanto atmosferas" onde se integram eventos e objetos sonoros discerníveis pelo ouvido humano (Schafer, 1994, pp. 274-275).

A noção de paisagem sonora enquanto atmosfera audível convoca um sentido de ambiente acústico aplicável aos primeiros meses de vida, e que a partir de agora designaremos por ecossistema sonoro do bebê. Este ambiente sonoro, logo a partir do nascimento, é pautado pela presença do som do choro – transversal, aliás, a todo o primeiro ano de vida, sendo o principal veículo de condução de sentidos e rizomas por parte do bebê até ao desenvolvimento da linguagem. Além do choro, a partir dos três meses de vida escutam-se guinchos, grunhidos, roncos, suspiros, risos, balbucios e onomatopeias até às primeiras palavras.

A dimensão do silêncio também se torna fulcral no entendimento do bem-estar do bebê. É comum ouvirmos os relatos de mães e pais de primeira viagem sobre a constante preocupação em, durante o sono, assegurarem-se de que o bebê está de boa saúde: "fui ouvir se o bebê está a respirar". Essa dimensão da escuta enquanto elemento central de um estado de alerta relembra que "a carga comunicacional encontra-se presente na dimensão som e na dimensão silêncio da paisagem sonora" (Borges, 2016, p. 146). A escuta tem sido, desde sempre, um instrumento crucial após o nascimento do bebê. Há muito que a sabedoria popular nos estimula à escuta ativa como aliada dos primeiros cuidados do bebê: escutar se arrota depois de mamar; perceber se o ar intestinal do bebê que provoca as cólicas é expelido; para dormir, ou para acalmar, cantar-lhe uma canção de embalar; e, naturalmente, o som mais difícil de codificar, escutar o choro e tentar perceber as suas causas.

Na verdade, na vida do bebê, o som é a primeira forma de entendimento do mundo, mesmo antes do nascimento. Como mencionado anteriormente, o bebê pertence a um ecossistema sonoro muito particular ainda durante a sua vida intrauterina, com uma capacidade inerente de reação a estímulos sonoros ainda antes dos sete meses de desenvolvimento. Nesta

fase de gestação, é já capaz de escutar o bater do coração e a respiração da mãe; a voz de ambos os pais e os seus distintos timbres, mais agudo ou grave; e até é passível de reagir à música escutada fora da barriga. Aquando do nascimento, o som ganha capacidade semiótica através da voz: o choro ao nascer, significando que os pulmões estão completamente desenvolvidos e o bebê reage a estímulos sensoriais, como o toque e o frio; e quando é colocado junto da mãe, a voz que conhece da gestação e que o consegue acalmar.

O som é, portanto, a primeira forma ao dispor do bebê para perceber o Outro. Como se refere no início deste artigo, já desde a segunda metade do século XX que se sabe que os bebês nascem com a capacidade e tendência inatas para se orientarem de acordo com os estímulos sonoros que os rodeiam (Muir & Field, 1979). Vários investigadores dos campos da medicina pediátrica e neonatal concluíram que a percepção auditiva do bebê apresenta logo ao nascimento preferências específicas. Em primeiro lugar, o recém-nascido reage seletivamente a uma voz feminina, e move a cabeça em direção à fonte sonora (Eisenberg, 1964). Em segundo lugar, apresenta uma preferência por sons agudos (Cramer, 1987), demonstrando uma maior relação afetiva com elementos sonoros que se assemelhem às características maternas. Por esse motivo, instintivamente, os adultos tendem a usar um tom de voz mais agudo quando falam com recém-nascidos (vulgarmente designada pelo anglicismo *baby talk*).

No ecossistema sonoro do bebê, o ambiente acústico constitui-se como o catalisador da sua primeira forma de comunicação, e isso sucede através, não só dos sons fisiológicos referidos anteriormente (arrote, ar intestinal, ressonar, choro), como também através de sons de índole comportamental (como o riso, o grito e, novamente, o choro). A paisagem sonora comportamental do bebê é por ele utilizada para comunicar as suas emoções, e esta essência sonora é fundamental para a constituição precoce da individualidade e da subjetividade da sua personalidade individual (Anzieu, 1985). Tendo por base esta leitura proveniente das Ciências Naturais, observar-se-á de seguida, à luz da lente das Ciências da Comunicação, o papel do som na relação comunicativa entre o bebê e a entidade maternal.

Grande parte da comunicação sonora das emoções do bebê passa, naturalmente, pelo choro, tornando-se essa a sua primeira linguagem: "Chorar é a forma mais poderosa de comunicação ao dispor do bebê" (Brazelton, 1989). A semiótica do choro é um desafio à interpretação nas suas mais diversas manifestações sonoras. Brazelton & Sparrow (2003) distinguiram seis tipos de choro: dor, fome, fadiga, desconforto, aborrecimento e choro de fim de dia. O tom do choro é, portanto, passível de interpretação nesta busca pela causalidade. Nos seus mais distintos significados, o choro

pode ser codificado e avaliado de acordo com quatro principais indicadores: intensidade; duração; ritmo; e cadência. Cada bebê emite o choro de forma única, moldando a frequência e a modulação destes indicadores individualmente, implementando um sentido próprio ao seu principal canal de comunicação. O som do choro no bebê assume-se como "um dialeto", uma forma de falar, e é também uma forma de autorregulação, ou seja, de gerir as suas emoções e os seus saltos de desenvolvimento (Ferreira, 2015).

Ao longo destas etapas de desenvolvimento, o ecossistema sonoro sofre também uma rápida evolução. Até ao terceiro mês de vida, o balbucio replica uma exploração não-intencional das capacidades vocais do bebê, representando mais uma iniciativa de brincadeira do que uma intenção de comunicação. A partir dos três a quatro meses de vida, o som começa a ser usado com intencionalidade, primeiro através de breves fonemas que, posteriormente, evoluem para palavras e depois frases.

A aprendizagem da linguagem desenvolve-se a partir de um ato de repetição, um processo de *mimesis* da língua materna dos pais e cuidadores. Neste processo de aprendizagem sonora, é fundamental o papel de progenitores e cuidadores que, ao prover tempo ao diálogo e espaço à escuta, estimulam o desenrolar de processos acústicos numa reciprocidade do sistema áudio-fonético entre adultos e bebês a partir do qual se desenvolve a linguagem (Wolff, 1983).

Em geral, após o primeiro ano de vida, o desenvolvimento linguístico acelera-se, e a partir daí, o ambiente sonoro da primeira infância passa a ser pontuado por palavras soltas e pequenas frases. A aquisição de competências linguísticas transforma o ecossistema sonoro do bebê, menos pautado por sons vitais que carecem de interpretação, e, por conseguinte, mais semelhante ao dos adultos.

## CONCLUSÃO: POR UM ARQUIVO SONORO DA INFÂNCIA

No contexto social, uma das perguntas mais recorrentemente elaboradas por quem contacta com um bebê em desenvolvimento linguístico é sobre a sua primeira palavra, denotando a importância desta fase evolutiva do bebê, alicerçada nos fonemas que a pouco e pouco se capacita a produzir. A primeira palavra do bebê edifica uma das memórias que normalmente permanece no registo oral da família. Contudo, na maior parte das famílias, os arquivos e registos dos primeiros anos de vida do bebê são fundamentalmente constituídos pela dimensão do *ikonos* materializada em álbuns fotográficos. As memórias sonoras acabam por ser transmitidas mais tarde por relato oral, mas raramente ficam registadas em arquivo. E no caso de se concretizar

esse registo, é dada primazia à primeira palavra, em detrimento de outros sons desprovidos de significados semânticos, como balbucios ou palreio.

Identificada a importância biológica e semiótica do som e seus significados, propõe-se a criação de um álbum sonoro do bebê, como forma de perpetuar os registos de memórias sonoras que permitam, no plano familiar, recordar os sons dos primeiros meses de vida, e no plano investigativo, mapear os sons mais frequentemente utilizados ao longo da primeira infância. Em termos empíricos, este álbum sonoro será constituído por gravações áudio dos sons emitidos pelo bebê ao longo das fases mais ativas do seu ciclo de crescimento, indicando a eventual passagem para o marco seguinte de desenvolvimento do bebê e da criança.

Nesta reflexão em torno do papel do som como ferramenta de sobrevivência da maternidade, é notável esta contradição entre a relevância do som na primeira infância e a inexistência de registos sonoros do bebê, ainda que, com frequência, o registo sonoro da primeira palavra permaneça na memória coletiva da família.

Como argumentado ao longo desta reflexão, para progenitores e cuidadores, a escuta ativa consiste numa estratégia vital para a compreensão do bebê numa fase pré-linguística. Contudo, a escuta deste tempo do qual os adultos não têm recordações individuais – apenas memória relatada – constitui também um fechar de ciclo: escutar o bebê despoleta a descoberta de quem fomos num tempo ausente da memória. Conhecer os marcos de desenvolvimento pelos quais qualquer adulto passou nos primeiros anos de vida e que se refletem na sua manifestação sonora através do choro, do riso, das onomatopeias, das palavras.

As memórias da primeira infância são, portanto, devolvidas aos progenitores através da observação do bebê e dos processos de comunicação com o bebê. No entanto, sem registo das memórias sonoras, perde-se a oportunidade de aceder à acústica do desenvolvimento infantil e da formação da personalidade. Por este motivo, propõe-se a iniciativa de criação de um álbum dos sons do bebê, em formato digital e potencialmente associado a um álbum de fotografias, para que a escuta ativa não seja apenas uma ferramenta de sobrevivência, mas também uma forma de autoconhecimento em momentos posteriores da vida humana.

## REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1985). Le Moi-Peau. *Enfance*, 39(4). 453-454. Retirado de [www.persee.fr/doc/enfan\\_0013-7545\\_1986\\_num\\_39\\_4\\_2936\\_t1\\_0453\\_0000\\_3](http://www.persee.fr/doc/enfan_0013-7545_1986_num_39_4_2936_t1_0453_0000_3)

- Borges, F. (2014). Recensão: Augusto, Carlos Alberto (2014). Sons e Silêncios da Paisagem Sonora Portuguesa. Lisboa: Fundação Francisco Manuel Dos Santos. *Media & Jornalismo*, 14(25), 145-148. Retirado de <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/FilomenaBorges.pdf>
- Brazelton, T. B. (1998). *O grande livro da criança*. Lisboa: Presença.
- Brazelton, T. B. & Sparrow, J. (2003). *3 a 6 anos – Momentos decisivos do desenvolvimento infantil. Guia para o desenvolvimento emocional, cognitivo e comportamental de seu filho*. Lisboa: Artmed Editora.
- Cramer, P. (1987). The development of defense mechanisms". *Journal of Personality*, 55(4), 597-614. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1987.tb00454.x>
- Eisenberg, R. (1964). Auditory behavior in the human neonate: a preliminary report. *Journal of Speech and Hearing*, 7(3), 245-269. <https://doi.org/10.1044/jshr.0703.245>
- Ferreira, C. (2015). *Os bebés também querem dormir*. Lisboa: Matéria Prima.
- Muir & Field (1979). Infants' orientation to lateral sounds from birth to three months. *Child Development*, 51(1), 295-298. <https://doi.org/10.2307/1129628>
- Schafer, R. M. (1994). *Our sonic environment and the soundscape: the tuning of the world*. Merrimac: Destiny Books.
- van de Rijt, H. & Plooij, F. (1992). *The wonder weeks*. Amesterdão: Kiddy World Publishing.
- Wolff, J. G. (1983). Language learning and cognitive economy. *First Language*, 4(11), 156. <https://doi.org/10.1177/014272378300401122>

*Este texto é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Financiamento Plurianual do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade 2020-2023 (que integra a parcela de financiamento base com a referência UIDB/00736/2020).*

Citação:

Alves, T. C. (2020). "Gugu-dadá" e outros sons: o ecossistema sonoro do bebé em isolamento acústico. In M. Oliveira, A. Sá & P. Portela (Eds.), *Escutar. Sentir. Guardar - Atas do I Encontro Online Audire* (pp. 29-35). Braga: CECS.